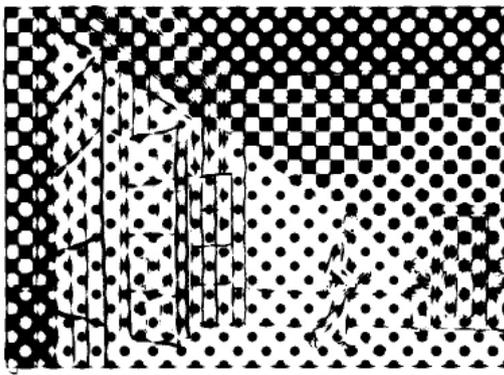
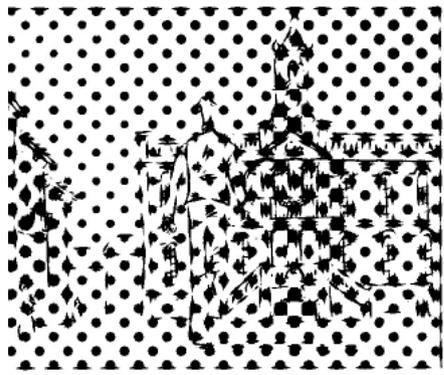
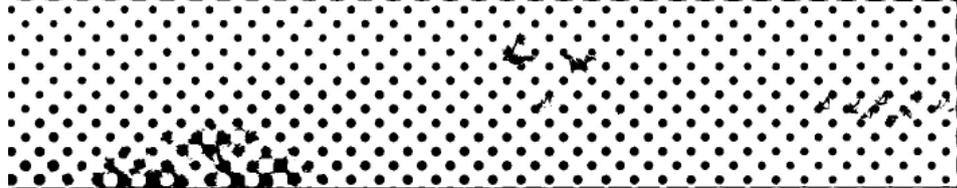
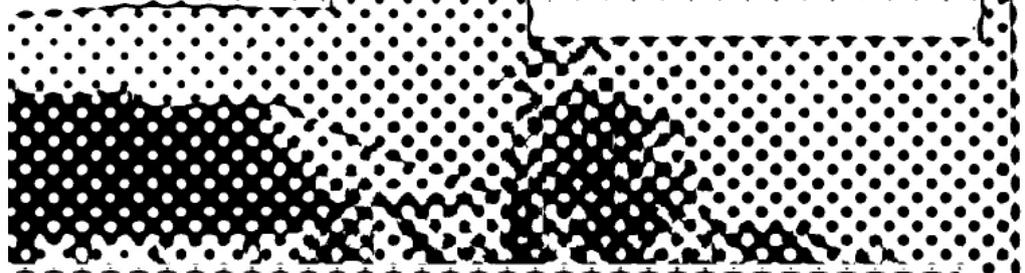


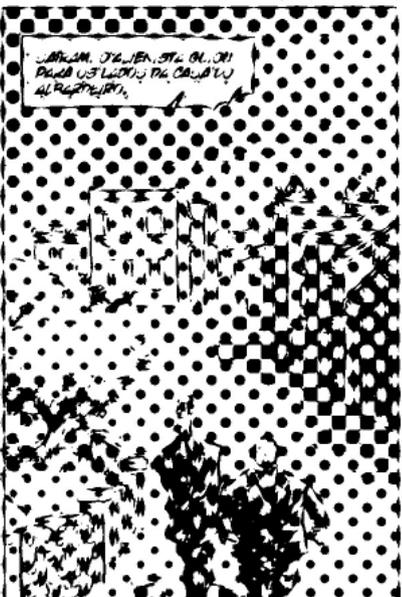
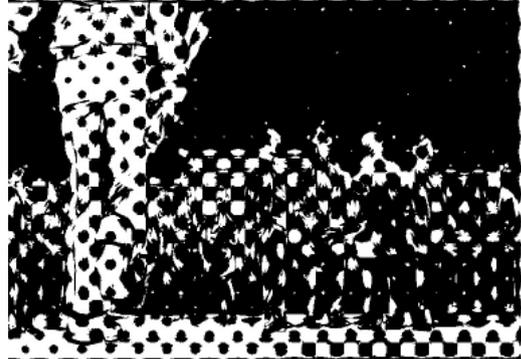
...E...  
...E...  
...E...  
...E...

...E...  
...E...  
...E...  
...E...

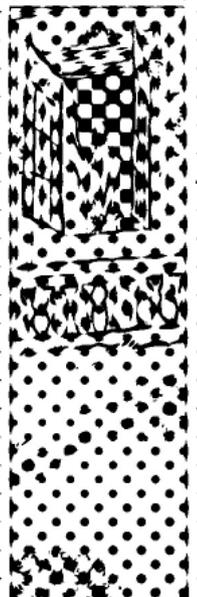
...E...  
...E...  
...E...



...E...  
...E...  
...E...



...E...  
...E...  
...E...



# sob os quadros da CASA verde

*uma entrevista com Fábio Moon*

**Lucas Piter Alves Costa<sup>1</sup>  
Elisa Cristina Lopes<sup>2</sup>**

**Resumo:**

Um dos quadrinistas que adaptou para o formato *graphic novel* obras como *O alienista*, Fábio Moon discute

temas como a relação entre os clássicos literários e os quadrinhos, aspectos técnicos e estéticos levados em conta na passagem de uma linguagem a outra e o preconceito de alguns setores da crítica quanto a esta atividade.

**Palavras-chave:**

História em quadrinhos, *O alienista*, clássicos literários, adaptação.

<sup>1</sup> Estudante de Letras na Universidade Federal de Viçosa. Foi bolsista Funarbic/CNPq (2008-2009) na pesquisa *A contribuição das histórias em quadrinhos nas análises literárias: O alienista, de Machado de Assis, em graphic novel*. Atualmente é bolsista PIBIC/CNPq (2009-2010) com a pesquisa *Encontro de gerações: o tempo narrativo n'O alienista*. Contato: lucas.alves@ufv.br

<sup>2</sup> Professora Doutora em Letras na Universidade Federal de Viçosa. Orientadora da pesquisa de 2008-2009. Contato: ec.lopes@ufv.br

**Abstract:**

Fábio Moon, one of the comic strippers who has adapted works like *O alienista* to graphic novel, discusses subjects such as the relationship between classic literature and comics, their technical and aesthetic correspondence in the process of adaptation, and the ways in which particular kinds of criticism are applied to the analysis of this kind of art.

**Key words:**

Graphic novel, *O alienista*, classic literature, process of adaptation.

Fábio Moon é quadrinista, formado em Artes Plásticas pela FAAP. Já publicou, ao lado de seu irmão gêmeo, Gabriel Bá, muitas obras no Brasil, Estados Unidos, Espanha e Itália. Juntos, eles ganharam diversos prêmios, como o *Eisner Awards*, em três categorias; o *Angelo Agostini*, como melhores desenhistas; o *Xeric Foundation Grant*, com a minissérie *Roland: days of wrath*, nos EUA; o *HQ Mix*, inúmeras vezes, em várias categorias; dentre outros.<sup>3</sup>

Além dos prêmios citados, os autores também ganharam o *Jabutí*, em 2008, pelo melhor livro didático e paradidático para Ensino Médio ou Fundamental, com a adaptação de *O alienista*, de Machado de Assis. Esta obra em quadrinhos no gênero *graphic novel* foi objeto de estudo em nossa pesquisa, *A contribuição das histórias em quadrinhos nas análises literárias: O alienista, de Machado de Assis, em graphic novel*, entre 2008 e 2009.

A pesquisa teve como objetivo empreender um estudo comparativo entre as duas linguagens – o conto e o

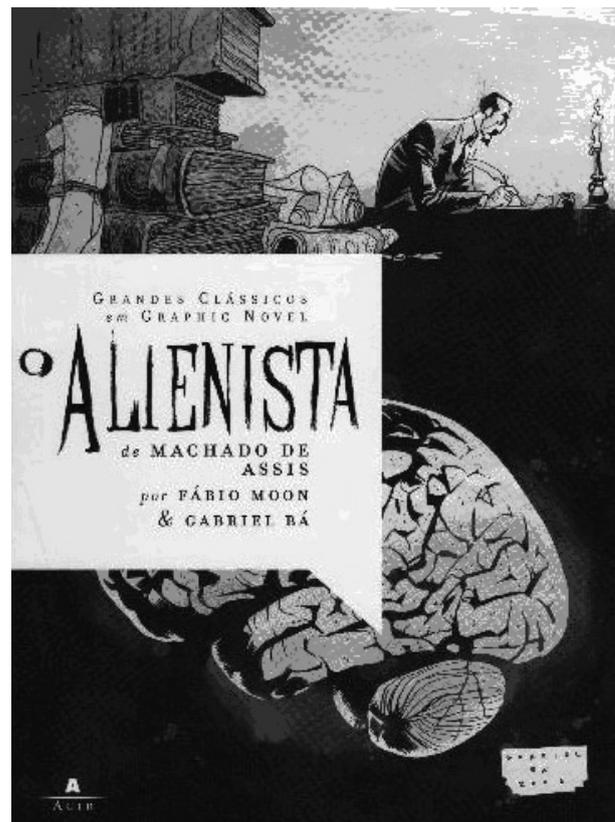


Figura 1. *O Alienista*. F. Moon, 2007. Capa

quadrinho –, a fim de apontar as especificidades da criação artística de cada obra, e contribuir para o aperfeiçoamento de métodos de análise de obras literárias e de obras em quadrinhos.

Como parte da pesquisa, foi feita uma entrevista com os autores, em janeiro de 2009, via correio eletrônico, na intenção de elucidar alguns aspectos técnicos e estilísticos de sua produção em quadrinhos. Em abril do

<sup>3</sup> A trajetória dos desenhistas pode ser acompanhada em <http://www.uol.com.br/10paezinhos> (acessado em 31/03/2010).

mesmo ano, no XII Encontro Mineiro dos Estudantes de Letras, realizado na Universidade Federal de Viçosa, Fábio Moon também proferiu uma palestra sobre a versão de *O alienista* em quadrinhos, em uma mesa-redonda sobre “Literatura e outras artes”, corroborando alguns conceitos em torno de sua produção, e evidenciando que o trabalho de adaptação é uma leitura crítica da obra de origem.

A entrevista que segue pretende mostrar um pouco como foi esse processo de leitura da obra machadiana.

*Com o incentivo do Governo Federal, muitas adaptações têm sido feitas, com variada qualidade. Quais as possíveis vantagens e desvantagens que uma adaptação pode trazer em relação à obra original e ao seu leitor?*<sup>4</sup>

Acho que tem duas vantagens: A nova “roupagem” da obra em Quadrinhos tem mais apelo visual para os jovens num mundo onde o apelo visual é muito grande e muito forte. Uma boa adaptação traz essa nova camada visual sem diminuir a qualidade do texto e, desse modo, traz a segunda vantagem, que é a curiosidade que a adaptação pode semear nos leitores para conhecer a obra original e outras obras do mesmo autor (ou autores, pois a adaptação pode semear a curiosidade por outras obras do quadrinista tanto quanto pelas do autor do original).

4 Uma adaptação desse tipo é, de fato, uma tradução intersemiótica, e toda tradução é um trabalho de leitura crítica, de interpretação. A tradução de qualquer obra literária para quadrinhos exige que o texto original seja decodificado e reconstruído – e isso é muito mais do que mera transposição semântica, como parece a princípio. O que deve ficar entendido com isso é que, ao se traduzir uma obra para outra linguagem, a natureza da obra original transparece imediatamente. A tradução intersemiótica e o seu estudo comparado possibilitam revelar o texto original em dimensões que possivelmente não ocorreriam em um estudo isolado. (Cf. Erwin Theodor, *Tradução: ofício e arte*, passim).

A desvantagem que eu vejo é criar um resumo do original, fazer uma versão diluída, rasa, que não chega a ser nem uma grande história em quadrinhos e nem faz jus à obra original.

*Qual a responsabilidade daquele que adapta obras literárias para com os leitores ditos “comuns”, se comparada à responsabilidade do crítico literário, em relação à obra original?*

A adaptação precisa ter cara de obra, de produto final, e não de subproduto. O fato de ser uma adaptação deve despertar uma curiosidade sobre a obra original, mas a adaptação deve sobreviver sozinha enquanto história, enquanto História em Quadrinhos. O crítico fala da obra e aponta para ela, mas a crítica só existe baseada à obra e coexistindo com a mesma. A adaptação deve ser uma obra em si que dispensa o conhecimento da obra original.

*Você acha importante que, ao se adaptar uma obra literária, leve-se em conta o que os estudiosos dizem sobre ela?*

Não. Acho importante estudar a obra, estudar a época, entender o trabalho que você vai fazer, mas talvez você não encontre isso no que disseram os estudiosos, e talvez você precise entrar no projeto com um olhar próprio sem influências acadêmicas.

*Há quadrinhos sem texto escrito, mas não sem imagens. Isso mostra que a linguagem dos quadrinhos é codificada pelas imagens. Como lidar com esses conceitos e com possíveis preconceitos nas adaptações, sobretudo quando o leitor pode não ser um estudioso do assunto?*

5 Scott McCloud, *Desvendando os quadrinhos*, p.82.



Figura 2. O Alienista. F. Moon, 2007. Recorte.

Somente a qualidade elimina os preconceitos. A história em Quadrinhos deve ser uma boa história em Quadrinhos, fazendo uso das características que só ela oferece, dessa junção das imagens com as palavras, da leitura do silêncio e da utilização das palavras como elementos tão visuais quanto as imagens. Os Quadrinhos são como a poesia, que usa palavras de maneira não literal e torna as palavras "mais do que palavras". Nos Quadrinhos, além das palavras, as imagens podem ser utilizadas de maneira não literal, se tornando "mais do que imagens".

*Scott McCloud afirma que o ocidente não tem a tradição de ler imagens ou ler o "silêncio" como tem o oriente.<sup>6</sup> Vocês acham que, se todo o potencial da linguagem dos quadrinhos for explorado nas adaptações, teria que haver o ensino de leitura de HQs, sobretudo para aqueles que acham que quadrinhos são mera ilustração?*

Desde que o ensino não explique tudo em demasia, deixando a descoberta da leitura para o leitor, acho que a boa discussão sobre uma obra só ajuda as pessoas a buscar outras obras que despertem discussões semelhantemente interessantes.

6 Scott McCloud, *Desvendando os quadrinhos*, p.82.

*Há passagens n'O alienista em que o narrador dialoga com o leitor – isso é comum nas obras machadianas. Por que se optou por modificar este tipo de narrador na adaptação?*

Todas as mudanças na adaptação levaram em conta a diferença de ritmo de leitura de uma prosa e de uma História em Quadrinhos.<sup>7</sup> A narração nessa adaptação não era tão importante, e muito dela foi transformada em imagens ou diálogos, então a figura do narrador, tão proeminente no texto original, não tinha o mesmo peso na adaptação.

*Em minha pesquisa, considerei que havia dois planos narrativos: o textual e o imagético. Na produção de HQs, pode acontecer de o roteirista e o desenhista terem uma ligação muito estreita em suas produções. No caso de uma adaptação, o que se pode dizer dessa ligação, sobretudo no caso de vocês? Pode-se dizer que existem dois narradores nas HQs, principalmente numa adaptação?*

O que você chama de planos narrativos, nós chamamos de camadas. O texto cria uma camada na história, os desenhos, separados, criam outra camada. Quando colocamos todos os desenhos juntos, funcionando como páginas, a página ganha uma camada nova que os desenhos separados não possuíam e, quando colocamos o texto funcionando com as imagens, novamente acrescentamos uma camada que ainda não estava lá. A ligação entre o roteirista e o desenhista serve para juntar essas camadas e fazê-las funcionar de forma que a história seja contada da melhor maneira

possível. Às vezes, mesmo quando é uma pessoa só que desenha e escreve, é preciso se preocupar com esse equilíbrio e simbiose entre a palavra e a imagem, pois essa mistura, que resulta no produto final, deve ser uma mistura invisível. Assim como em um filme, em que milhares de pessoas podem trabalhar para realizar o filme, o importante é o resultado final em que todas essas pessoas se tornam invisíveis e somente a história aparece para o público.



Figura 3. O Alienista. F. Moon, 2007.

<sup>7</sup> Nos quadrinhos, o tempo ficcional é segmentado, ou melhor, dividido pelos quadros. Para que a leitura não fique também dividida, o quadrinista conta com a cooperação do leitor através de um procedimento que McCloud chama de *conclusão*, em sua obra *Desvendando os quadrinhos*. Este procedimento exige que o leitor complete o significado de uma sequência narrativa por meio daqueles espaços entre um quadro e outro, chamados de *sarjeta* ou *calha*. É um processo dialógico que ocorre quadro a quadro. (Cf. Lucas Piter Alves Costa, *Tempo e narrativa n'O alienista: algumas considerações em perspectiva comparada, passim*).



Figura 4. O Alienista. F. Moon, 2007. Recorte.

Numa adaptação, a obra original, e talvez o autor original, se tornam mais camadas para compor a história em quadrinhos, mas assim como todas as outras camadas, essas também devem se misturar e se tornar invisíveis.

*Como folhear com as tradicionais digressões machadianas? Aqueles momentos em que o narrador parece mudar de assunto para enganar o leitor...*

Algumas passagens davam novas camadas à história, e foram mantidas. Outras somente reforçavam o “estilo” do texto, quebrando o ritmo da história sem quebrar o ritmo da leitura, que é uma característica maravilhosa da prosa. Como funciona de maneira diferente nos Quadrinhos, algumas passagens foram transformadas em imagens ou cortadas.

*Muitos estudiosos dizem que uma adaptação é uma leitura. Em sua leitura, vocês fizeram quais pesquisas sobre a obra antes da adaptação?*

Nós lemos a obra. Procuramos pelos termos que desconhecíamos, pelas referências que apareciam no texto que eram mais específicas e procuramos encontrar qual era o estilo da história. O resto da pesquisa foi “visual”, vendo filmes, desenhos e pinturas da época, procurando uma arquitetura e um vestuário que ajudassem a contar a história.

*Vocês optaram por não dividir a HQ em capítulos, como n’O alienista machadiano, mas uma leitura comparativa é capaz de mostrar o começo e o fim de alguns capítulos bem delimitados. Como vocês trabalharam a passagem de tempo entre uns capítulos e outros?*

Nomear cada capítulo e dividir a obra desse jeito significa utilizar um espaço da página para isso. Na prosa, não faz muita diferença começar um capítulo no meio de uma página, nem faz diferença terminar o capítulo no meio da página e deixar o resto em branco, pulando para a próxima no começo do próximo capítulo, pois o “espaço” da história é o da mente do leitor. Na página, estão apenas as palavras. Na História em Quadrinhos, o espaço da história acontece na página, na virada de página, no tamanho e na composição dos quadrinhos. Nós tínhamos um limite de páginas para fazer a adaptação, e para nós, dividir a HQ em capítulos significaria quebrar o ritmo da leitura das páginas de maneira desnecessária. O mais importante na leitura é envolver o leitor e a quebra do ritmo de leitura o distrai, o afasta do universo da história, então acabamos abandonando a divisão visual dos capítulos.

E agora prepare-se o leitor para o mesmo assombro em que ficou a vila ao saber um dia que os loucos da Casa Verde iam todos ser postos na rua.

– Todos?

– Todos.

– É impossível; alguns sim, mas todos...

– Todos. Assim o disse ele no ofício que mandou hoje de manhã à Câmara.<sup>8</sup>

*Há um estudo de Massaud Moisés que faz um paralelo entre O alienista e Dom Quixote.<sup>9</sup> Na graphic novel, a caracterização de Bacamarte ao lado de Crispim é bastante quixotesca, sobretudo na página 20. Isso foi proposital? Vocês levaram em consideração o que o crítico disse sobre O alienista?*

Não li esse estudo, mas enxerguei o paralelo durante a leitura do conto, principalmente naquela cena. Acho que tanto Bacamarte como Quixote eram norteados pela loucura, uma loucura épica, e foi esse aspecto épico que eu quis passar para a adaptação.

*O texto machadiano é permeado de propositais ambiguidades. Deparar-se com uma delas durante o processo de adaptação para outro gênero é um desafio para qualquer artista: ou se escolhe manter a ambiguidade usando os recursos de que a nova linguagem dispõe, ou se escolhe um dos possíveis significados que o texto original oferece. Vocês passaram por alguma situação assim na graphic novel? Como foi lidar com tal situação?*

<sup>8</sup> Machado de Assis, *O alienista*, p. 48.

<sup>9</sup> Massaud Moisés, *Machado de Assis: ficção e utopia*, p. 127-140.

Acho que a ambiguidade maior do *Alienista* era definir se você vai levar a história a sério, se vai interpretá-la como drama ou comédia. Nós escolhemos o drama.

*A linguagem do cinema e a linguagem das HQs têm evoluído e se beneficiado mutuamente. Na obra de vocês, é notável a influência cinematográfica. Como vocês avaliam tais influências?*

Tanto no cinema como nas HQs, está cada vez mais claro que as imagens também “contam” a história e, do mesmo modo como é importante escolher as palavras certas, também é importante escolher o ângulo certo, o enquadramento, a composição da cena, da página, para contar do melhor jeito possível a sua história. No final, o que importa é a história e cada veículo possui suas ferramentas para conduzir o público pela história que está sendo contada.

### “Diagnóstico” final

Houve uma época em que os quadrinhos foram muito estigmatizados intelectual e socialmente. Trata-se, especificamente, do período por volta de 1954, quando surgiu o Comics Code, um código de censura voltado aos quadrinhos, e que cancelou diversos títulos. Não obstante, os quadrinhos têm ocupado espaço em pesquisas acadêmicas, embora seu lugar no meio acadêmico ainda seja majoritariamente nos estudos que tratam de literatura infanto-juvenil ou paraliteratura. Na verdade, os Quadrinhos são uma arte independente da Literatura em todos os sentidos de produção, veiculação e evolução, mas que guardam, hoje, muita proximidade com a segunda. Paulo Ramos afirma que eles constituem uma linguagem autônoma, que usa “mecanismos

próprios para representar os elementos narrativos. Há muitos pontos comuns com a literatura, evidentemente. Assim como há também com o cinema, o teatro e tantas outras linguagens”<sup>10</sup>. A produção de um quadrinho conta com instrumentos diversos, que abrangem sua ligação com o textual e o imagético (formatação e diagramação; arte e colorização), sem falar nas especificidades de seu mercado editorial. Sua veiculação se apoiou, sobretudo, na cultura de massa, não contando com estudos críticos por longos anos. E sua evolução tem se dado, no início, paralela à do cinema, e hoje, com os avanços da informática. Cursos como os de Comunicação Social já estudam essa mídia com representativa bibliografia.

O número de obras literárias que já foram adaptadas para os quadrinhos é considerável, desde as pioneiras da série *Classics Illustrated*. A evolução do gênero tem feito com que muitos leitores de HQs privilegiem mais os *autores* que as *personagens* em si, o que mostra já um amadurecimento desse público e uma disparidade na qualificação das produções em quadrinhos. Em outras palavras, com os recursos narrativos do Cinema e da Literatura sendo atrelados à linguagem dos quadrinhos, muitos autores têm se consagrado com notáveis histórias, o que faz com que o público busque uma determinada obra por ser envolvido pelo estilo narrativo do autor, não por personagens específicas. Ocorre o contrário nos Quadrinhos *de editora*, ou *comerciais*, sobretudo com títulos como os de *super-heróis*, que passam de autor para autor, por vezes com estilos diferentes.

Atualmente, influências em obras literárias têm sido frequentes entre os quadrinistas, além dos desenhos nitidamente acadêmicos, como os de Dave Mackean

<sup>10</sup> Paulo Ramos, *A leitura dos quadrinhos*, p.17.

e Alex Ross, o que estreita as ligações entre HQs, Literatura, Artes Plásticas e outras artes. Se os quadrinhos, o Cinema ou outras artes que têm servido de suporte para as adaptações não são objeto de estudo das Letras, são no mínimo dignas de atenção e formas de contribuição para as análises literárias.

#### Agradecimentos:

Agradeço a Fábio Moon e a Gabriel Bá pela oportunidade de conhecer melhor sua obra e pela participação no XII Encontro Mineiro dos Estudantes de Letras, em abril de 2009.

---

#### Referências Bibliográficas:

ASSIS, Machado de. *O Alienista e outras histórias*. Coleção Prestígio. São Paulo: Ediouro, s/d. p.17-56.

COSTA, L. P. A.; LOPES, E. C. *A contribuição das histórias em quadrinhos nas análises literárias: O alienista, de Machado de Assis, em Graphic Novel*. Relatório Final de Pesquisa de Iniciação Científica. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2008-2009.

COSTA, L. P. A.; MELO, M. S. S. *Tempo e narrativa n'O alienista: algumas considerações em perspectiva comparada*. In: EMAD – Encontro Mineiro de Análise do Discurso. 3 ed., 2009. CD Anais do evento. Viçosa, MG: Universalidade Federal de Viçosa, 2009.

McCLOUD, S. *Desvendando os quadrinhos*. Tradução de Helcio de Carvalho, Marisa do Nascimento Paro. São Paulo: Makron Books, 1995.

MOISÉS, M. "O Alienista: paródia de Dom Quixote?" In: MOISÉS, M. *Machado de Assis: ficção e utopia*. São Paulo: Cultrix, 2001, p.127-140.

MOON, F. *O Alienista / Machado de Assis*: adaptação de Fábio Moon e Gabriel Bá. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

\_\_\_\_\_. Biblioteca virtual [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <10paezinhos@uol.com.br> em 23 jan. 2009.

RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

THEODOR, E. *Tradução: ofício e arte*. São Paulo: Editora Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1926.